



A AUTOMEDICAÇÃO ENTRE ACADÊMICOS DA ÁREA DA SAÚDE

Cristiano Hoch¹, Hellen Lucas Mertins¹, Lara Kochenborger¹, Greici Aline Lovato¹, Angela de Souza Garcia Damiani¹, Mariana Migliorini Parisi²

Palavras-chave: Automedicação. Acadêmicos. Medicamentos. Orientação.

1 INTRODUÇÃO

Bastante recorrente no Brasil, a automedicação (AM) é definida, por Arrais et al, 1997, como um processo de iniciativa do paciente em utilizar um produto que trará benefícios no alívio de sintomas. E para Silva et al. (2011, b), medicamentos são instrumentos que ocupam um papel central na terapêutica da atualidade e são responsáveis pela cura ou alívio de sintomas. Juntamente com esse conceito, a sugestão de medicamentos por pessoas próximas facilita a prática da AM com mais frequência (MUSSOLIN, 2004).

O acesso às informações, as propagandas agressivas de medicamentos por laboratórios e companhias farmacêuticas, a percepção da população quanto ao medicamento e a insatisfação com o atendimento recebido nos serviços de saúde são importantes fatores na automedicação (SILVA et al., 2008). Isto leva as pessoas a buscarem tratamento inicialmente nas farmácias, devido à facilidade de acesso ao atendimento observada nestes locais (SILVA et al., 2008) e a venda sem prescrição.

Segundo Lee C-H (2017), doses excessivas, a duração da automedicação, interações medicamentosas e efeitos colaterais são os principais causadores de problemas. Complementam a lista de consequências devido à AM: reações de hipersensibilidade, resistência bacteriana, estímulo para a produção de anticorpos sem a devida necessidade, dependência do medicamento sem a precisão real, hemorragias digestivas (MUNHOZ; GATTO; FERNANDES, 2010). Concomitante a isto, a falta de instrução pode ocasionar muitos riscos aos usuários, mascarar doenças e retardar o diagnóstico correto (ALKHATATBEH; ALEFAN; ALQUDAH, 2016).

Com o desenvolvimento de práticas educacionais, o acesso à informação correta e uma automedicação responsável é possível e pode provocar benefícios como: economia para o

¹ Discentes do curso de Biomedicina, da Universidade de Cruz Alta - Unicruz, Cruz Alta, Brasil. E-mail: cristiano.hoch@sou.unicruz.edu.br, hellenlmertins@hotmail.com, lara_0884@hotmail.com, greicilovato99@outlook.com, angela1.7@hotmail.com

² Pesquisadora do Grupo de Pesquisa em Atenção Integral a Saúde – GPAIS. Docente da Universidade de Cruz Alta - Unicruz, Cruz Alta, Brasil. E-mail: mparisi@unicruz.edu.br



indivíduo e para o sistema de saúde e o descongestionamento de unidades de saúde. Então é necessário educar e encorajar os estudantes sobre o modo correto de se utilizar medicamentos como uma ferramenta terapêutica (ALKHATATBEH; ALEFAN; ALQUDAH, 2016).

2 MATERIAIS E MÉTODOS

Este trabalho tem como característica um estudo analítico observacional, que foi realizado por acadêmicos do curso de Biomedicina, matriculados na disciplina de Pesquisas Biomédicas II, e realizado em 78 alunos da Biomedicina e 73 alunos da Enfermagem, matriculados no ano de 2019, na Universidade de Cruz Alta (UNICRUZ). A coleta dos dados foi realizada no mês de março de 2019, em sala de aula, onde o aluno respondeu individualmente a um termo de consentimento e um questionário sobre automedicação.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Em relação à automedicação, segundo Penna et al. (2004), em um estudo realizado com universitários, o percentual variou de 75,5% a 92,0%. Já em nosso trabalho o percentual dos entrevistados que realiza a AM foi de 93,5% na Biomedicina e 97% na Enfermagem. E ao analisar a pergunta realizada sobre o medicamento obteve-se: para uso próprio 26%, membro da família 14,3%, ambos 54,5%, ou outra pessoa 5,2% no curso de Biomedicina, e para uso próprio 55%, membro da família 8%, ambos 45%, ou outra pessoa 3% no curso da Enfermagem.

Segundo a apuração dos resultados, averiguou-se que a automedicação dos entrevistados é influenciada por familiares ou amigos (51,9% na Biomedicina e 46% na Enfermagem), profissionais da saúde (19,5% na Biomedicina e 28% na Enfermagem), prescrições anteriores (42% em ambos os cursos) e publicidade (19,5% na Biomedicina e 16% na Enfermagem). E ao perguntar aos participantes se estes procuraram informações ou esclarecimentos sobre o medicamento a maioria responderam que procuraram algum tipo de informação (85,7% Biomedicina e 77% na Enfermagem), notando-se que a prevalência da procura por informações prevalece. Esses dados concordam parcialmente com os encontrados por Matos et. al. (2018), onde 45,2% dos participantes do estudo foram influenciados para a automedicação primeiramente por propagandas e 54,5% por terem o conhecimento devido experiências anteriores.

Em um estudo realizado por Ogawa et al. (2001), sobre a automedicação em estudantes do segundo ano de Enfermagem e Medicina, notou-se que uma parcela semelhante



de estudantes (63,5%) se aconselhava com o farmacêutico, sendo que o encontrado em nossa pesquisa foi superior (88,3% na Biomedicina e 84% na Enfermagem). Ogawa et al. (2001) também ressalta que é necessário alertar à população dos riscos da automedicação e de acordo com os dados obtidos em nosso estudo, 87% dos entrevistados do curso da Biomedicina e 76% do curso da Enfermagem estão cientes dos riscos sobre o uso de medicamentos sem prescrição médica.

Em relação aos sintomas, nossa pesquisa apontou a dor de cabeça como o motivo mais citado (88,3% na Biomedicina e 86% na Enfermagem), seguido de resfriados/gripe (87% na Biomedicina e 77% na Enfermagem). Já no estudo de Arrais et al. (1997), todas as expressões clínicas de dor somaram 24,2% dos motivos que geraram a automedicação. Durante nossa pesquisa também averiguamos que a maior parte dos entrevistados, do curso de Biomedicina, afirmam comprar remédios para a gripe (83,1%), analgésicos (81,8%), antiinflamatórios(81,8%) e xaropes pra tosse (79,2%), e do curso de Enfermagem as mais procurados foram os analgésicos (84%), xaropes pra tosse (80%), antiinflamatórios (74%) e remédios para a gripe (74%).

Resultados encontrados por Mussolin (2004) mostram que os universitários de Enfermagem liam mais a bula (66,1%), coincidindo com os nossos resultados, onde 61% dos entrevistados do curso de Enfermagem afirmam ler a bula. Já nos entrevistados da Biomedicina esse número foi ainda maior, com 84,4%. Segundo um estudo realizado por Matos et. al. (2018), a totalidade dos entrevistados responderam não apresentar reação adversa ao medicamento utilizado sem prescrição (95,2%) e uma pequena maioria não sabiam dos riscos (51,9%), concordando parcialmente com os resultados encontrados na nossa pesquisa, onde uma imensa maioria não apresentou reações (90,9% da Biomedicina e 89% da Enfermagem), mas que nesse caso tinham conhecimento sobre os riscos ao se automedicar (87% da Biomedicina e 76% da Enfermagem).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em pesquisa em artigos a respeito da automedicação em graduandos e adolescentes, a predominância dos analgésicos ainda é evidente, seguidos de antitérmicos e anti-inflamatórios. Dentre esses artigos, também se destaca a grande diferença do nível de automedicação à medida que os acadêmicos vão avançando nos semestres dos cursos da área da saúde os níveis aumentam de uma média de 70% para praticamente 100% no final dos cursos. Também cabe



destacar a prevalência da AM entre mulheres, que se medicam até 70% mais do que os homens (DA SILVA; GOULART; LAZARINI, 2014).

Dentre os resultados apresentados na nossa pesquisa, cabe destacar que os dois cursos avaliados (Biomedicina e Enfermagem) se apresentaram muito sinérgicos nos dados, variando apenas quanto a leitura de bulas antes da prática da automedicação onde o curso da Biomedicina afirma ler mais a bula que os participantes da Enfermagem (61% do curso de Enfermagem contra 84,4% do curso da Biomedicina). Também se destaca que grande maioria dos participantes de ambos os cursos se aconselhou com um farmacêutico antes da compra do medicamento no ato da automedicação, relevando a importância desse profissional quanto a uma boa orientação sobre o medicamento a ser comprado. Esses dados encontrados são muito relevantes, pois norteiam as estratégias para a promoção do uso racional de medicamentos e incentivam a busca por uma boa qualidade de vida frente a automedicação consciente.

REFERÊNCIAS

- ALKHATATBEH, M.; ALEFAN, Q.; ALQUDAH, M. **High prevalence of self-medication practices among medical and pharmacy students: A study from Jordan**. Int. Journal of Clinical Pharmacology and Therapeutics. v.54, 2016. 10.5414/CP202451.
- ARRAIS, P. S. D. et al. **Perfil da automedicação no Brasil**. Estudo (Departamento de Farmacologia) - UAB, Universitat Autònoma de Barcelona-Espanha, 8 p, 1997.
- LEE, C. et al. **Inappropriate self-medication among adolescents and its association with lower medication literacy and substance use**. Estudo (Department of Health Promotion and Health Education) - National Taiwan Normal University, National Taiwan Normal University, p.15, 2017.
- MATOS, J, F. et. al. **Prevalência, perfil e fatores associados à automedicação em adolescentes e servidores de uma escola pública profissionalizante**. Rio de Janeiro. Cad. Saúde Colet., v. 26, n. 1, p. 76-83, set./mar. 2018.
- MUNHOZ, R. F.; GATTO, A. M.; FERNANDES, A. R. C. **Automedicação em profissionais das áreas de enfermagem e farmácia em ambiente hospitalar na cidade de São José do Rio Preto-SP**. Pesquisa não experimental descritiva (Farmacêutico) - UNIP, Universidade Paulista, p.6, 2010.
- MUSSOLIN, N.M. **A automedicação: um estudo entre universitários de enfermagem e de relações públicas [dissertação]**. São Paulo (SP): Secretaria da Saúde. Coordenação dos Institutos de Pesquisa. Programa de Pós-Graduação em Ciências; 2004.
- PENNA, A.B. et al. **Análise da Prática da Automedicação em Universitários do Campus Magnus - Unipac – Barbacena, MG**. Belo Horizonte, Brasil: *Anais do 2º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária* [anais na internet]. p.12-15, Set. 2004.
- OGAWA, A. I. et al. **Estudo comparativo sobre a automedicação em estudantes do segundo ano de enfermagem e medicina e moradores do bairro vila nova**. Rev. Espaço para a Saúde, v. 3, n. 2, 2001.



SILVA, I. M. (b) et al. **Automedicação na adolescência: um desafio para a educação em saúde.** 2011. 11 p. Estudo (Pós-Graduação em Saúde Coletiva) - UF, Universidade de Fortaleza, 2011.